

# A UTILIZAÇÃO DE CAVERNAS COMO LUGARES DE DEVOÇÃO E PRÁTICAS RITUALÍSTICAS



OLAM – Ciência & Tecnologia, Rio Claro, SP, Brasil – ISSN: 1982-7784 – está licenciada sob [Licença Creative Commons](#)

Luiz Eduardo Panisset Travassos[1]  
Rose Lane Guimarães [2]  
Wagner Barbosa Batella[3]  
Marina de Moraes[4]

## INTRODUÇÃO

Muitos autores afirmam que as cavernas sempre estiveram ligadas com a evolução do Homem na superfície da Terra. Na pré-história, foram os primeiros abrigos dos hominídeos e, ainda hoje, guardam muitos segredos a respeito da evolução humana. Em muitas culturas, o imaginário das populações que vivem em suas imediações dá origem a lendas e histórias fantásticas (TRAVASSOS, 2007).

Além disso, muitos consideram as cavernas como as primeiras formas de assentamentos humanos. Especialmente na América Central, é comum o estudo da relação entre as cavernas e seus arredores com sítios arqueológicos. Particularmente pela disponibilidade de água, de argila, de pedras e, também, por serem considerados lugares sagrados para práticas ritualísticas, o subterrâneo tornava-se importante para o desenvolvimento das sociedades (CERVANTES, 2007).

No Brasil é possível encontrar um número considerável de cavernas com registros de usos ritualísticos e religiosos. Em sua maioria são comuns as manifestações da fé católica, mas também existem aquelas relacionadas aos rituais afro-brasileiros (Figura 1).

Especialmente nos estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais, as *cavernas santuário* são comuns, ressaltando-se o caso da Lapa do Santuário do Bom Jesus, localizada às margens do Rio São Francisco, no sertão da Bahia. Considerada pioneira no uso religioso de uma caverna brasileira e utilizada como local de romaria desde 1691, a caverna é importante sítio de devoção religiosa popular.

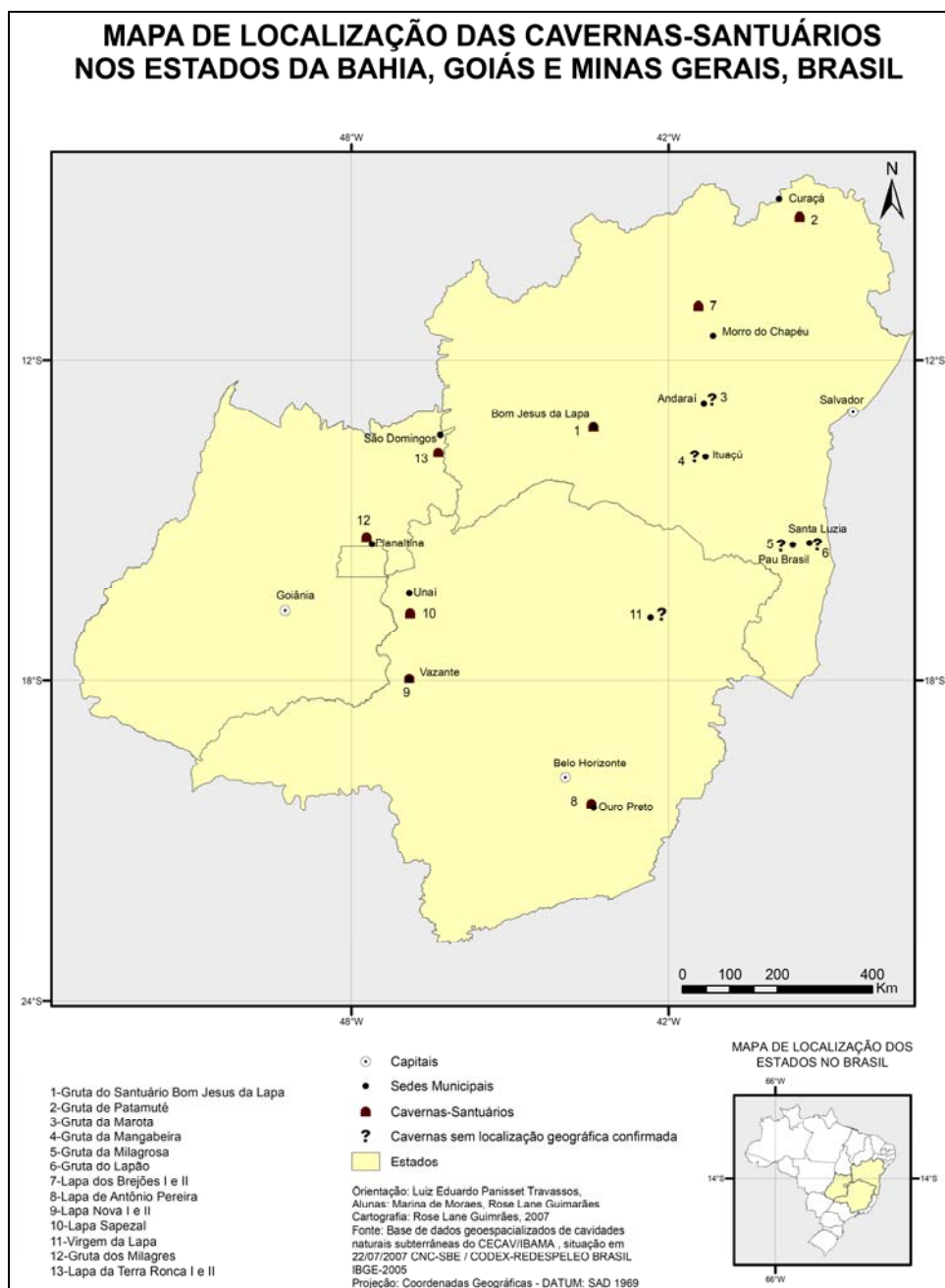


Figura 1 – Mapa de Localização das cavernas-santuários nos estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais (Fonte: Adaptado de Barbosa e Travassos, 2008).

O presente trabalho, derivado de uma monografia de conclusão de curso, destaca o uso religioso de cavernas no estado de Minas Gerais (MG). Durante sua preparação deparou-se com a realidade que justifica a elaboração deste trabalho, qual seja, a carência de estudos acadêmicos relacionados à importância cultural das cavernas, particularmente no que diz respeito ao uso ritualístico ou religioso.

Através da comparação entre o catolicismo popular e os rituais afro-brasileiros, os autores objetivam demonstrar a importância social desses espaços. Para alcançar o proposto, estabeleceram-se como objetivos específicos identificar e mapear o uso das cavernas como lugares de adoração nos sistemas católicos e afro-brasileiros.

## **MÉTODOS E TÉCNICAS**

Por se tratar de uma temática recente dentro dos estudos do carste e das cavernas, ainda não existem procedimentos teórico-metodológicos bem definidos para o estudo do uso religioso das cavernas e, portanto, não existe uma metodologia única e consolidada. Para tais pesquisas busca-se fundamentar o trabalho, principalmente, em Steil (1996, 1998, 2003), pioneiro no estudo de uma Romaria a uma caverna no Brasil, através da observação do participante em tais fenômenos culturais.

Definida a temática do trabalho como sendo o uso religioso de cavernas, os procedimentos metodológicos seguintes foram divididos em três etapas que se complementam (Figura 2).

A primeira, de cunho teórico foi desenvolvida através de ampla revisão bibliográfica nas principais revistas e boletins especializados sobre o tema. Além disso, livros e *sites* foram consultados com o objetivo de conhecer o estado da arte desta temática. Ainda nesta etapa, durante a redação, buscou-se realizar uma

sucinta discussão sobre a percepção ambiental, temática sobre a qual se apóia esta pesquisa.

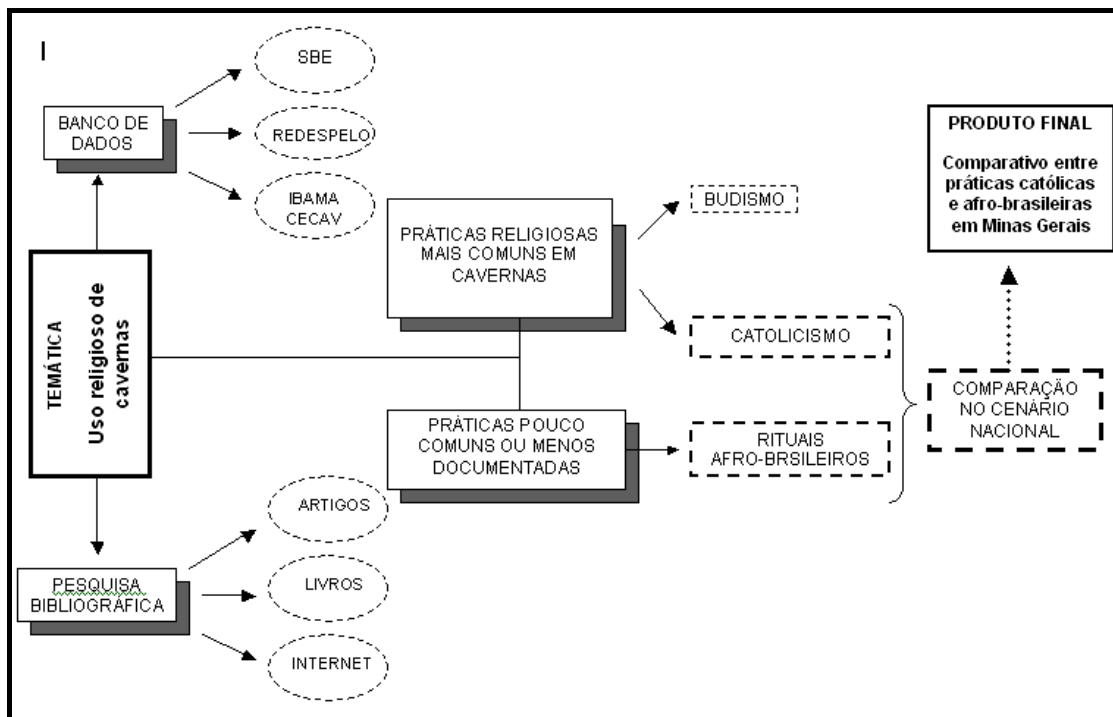


Figura 2 – Fluxograma da metodologia desenvolvida. Elaborado pelos autores (2008)

Na sequência, teve início a parte empírica do trabalho, com foco no levantamento de dados sobre a localização e práticas religiosas em cavernas. Para tal, priorizou-se dados de localização de cavernas no Brasil, e outros trabalhos que discutam as práticas de rituais religiosos nestes lugares.

A terceira e última parte ocupou-se da análise dos dados e o diálogo com a parte teórica. Para melhor entender a localização das cavernas religiosas mais importantes do Brasil, gerou-se um mapa de localização de algumas *cavernas santuário* principais localizadas nos estados da Bahia, Goiás e Minas Gerais (Brasil).

No caso das grutas onde ocorreram manifestações afro-brasileiras, utilizou-se principalmente o trabalho de Guimarães, Travassos e Varela (2007) devido à escassez de artigos sobre o assunto.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Ao descrever o espaço humanizado como sendo socialmente produzido e como resultado da ação humana sobre a natureza, compreende-se que, ao mesmo tempo em que o homem modifica a natureza, cria um lugar favorável às suas necessidades e sobrevivência. Interagindo com o meio, passa a perceber o lugar em que vive, definindo as formas de uso, ocupação, exploração e transformação desse espaço.

A partir da sua interação com o meio ambiente, o homem deixa suas marcas culturais. Na Pré-História, o ideal de *lugar*, mesmo que primitivo, foi a caverna – local de abrigo, proteção e expressão da arte. Ao elaborar as pinturas rupestres nas paredes das cavernas, o ser humano deixava ali uma imagem da sua percepção ambiental e as marcas da sua cultura. Os diversos utensílios deixados nesses locais, por exemplo, são os vestígios de sua cultura, dos seus hábitos e do seu jeito de ser e viver.

Para Travassos (2007) o estudo do conhecimento da percepção do espaço do homem é de fundamental importância e corresponde à base da Geografia Humanística, valorizando as experiências particulares do homem com o seu meio. Silva (2002), citado por Travassos (2007, p.32), afirma que “*os estudos humanísticos estão voltados para as relações que os indivíduos estabelecem entre si, os sentimentos, as percepções e as atitudes do ser humano sobre espaço e lugar a partir da experiência do vivido*”.

Assim, a percepção ambiental valoriza as experiências humanas, procurando conhecer e explicar como o indivíduo se relaciona com o lugar, suas atitudes (corretas ou não) e os valores atribuídos. As abordagens neste contexto defendem que as pessoas se comportam no mundo real com base em conhecimentos subjetivos desse mundo, representando uma interseção entre o geográfico, o psicológico e o sociológico (AMORIM FILHO, 1982).

Dessa forma, ao relacionar-se com o espaço, o indivíduo memoriza alguns elementos como imagens concretas, estabelecendo um reconhecimento; considera que os *lugares* são reconhecidos e nomeados (CLAVAL, 2001).

## **A NOÇÃO DE ESPAÇO E LUGAR**

Em detrimento de ser um *conceito-chave* da Geografia, a definição de espaço não encontra consenso entre os pesquisadores desta ciência, variando conforme as orientações teórico-metodológicas abraçadas. Por isso, para operacionalização deste trabalho, entende-se por *espaço* qualquer parte da superfície terrestre construída e organizada pelas sociedades. É algo dinâmico, em permanente transformação e movimento.

Diante da complexidade que envolve as relações entre o homem e a natureza, a Geografia trabalha com categorias de análise, destacando-se aqui o lugar, que auxiliam no entendimento dessas relações. *Espaço* e *lugar* são termos familiares, especialmente aos geógrafos, inteiramente relacionados com elementos do meio ambiente. Para Tuan (1983) quando o *espaço* passa a ser intimamente conhecido, com a atribuição de valores e significados, deixa de ser indiferenciado, transformando-se em *lugar*. O indivíduo, ao se relacionar e estabelecer contato com esse lugar tende a criar uma identidade e um sentimento de pertencimento, reconhecendo-se como parte de um determinado lugar, construindo referências e laços afetivos. Assim, Tuan (1983) afirma que o *lugar* é o resultado de sensações e experiências vividas, constituídas de sentimentos e pensamentos por um indivíduo e sua ligação afetiva com o ambiente. Desta forma, uma caverna de uso religioso possui inúmeros significados. Uma pessoa, ao conhecer uma caverna, irá percebê-la de diversas maneiras, por meio das sensações e sentidos.

## **TOPOFILIA X TOPOFOBIA**

Tuan (1980) explica que o termo *topofilia* deve ser entendido como o elo afetivo entre um indivíduo e o lugar ou ambiente físico com o qual ele se interage. Muitas vezes, este é considerado um conceito difuso, sendo vivido e concretizado como uma experiência pessoal e particular. Assim, a percepção que uma pessoa tem de um espaço, deve ser considerada tanto como a resposta dos sentidos aos estímulos externos, como a atividade proposital, na qual certos fenômenos são claramente registrados, enquanto outros retrocedem para a sombra, ou são bloqueados.

Muito do que um indivíduo percebe como importante para sua sobrevivência, geralmente está enraizado na cultura do seu grupo social. Cavernas de uso religioso ou ritual devem ser consideradas como espaços onde a atitude é, primeiramente, uma postura cultural, implicando em experiências variadas e particulares, além de valores. Assim, Tuan (1980) afirma que tais visões de mundo são a experiência contextualizada, parcialmente pessoal e, em grande parte, social. Essa experiência, portanto, compreende atitudes ou um sistema de crenças.

Os indivíduos possuem várias formas de perceber o mundo, principalmente quando os objetos são as cavernas. Cada pessoa tenderá a possuir diferentes atitudes ao adentrar por esse mundo, em decorrência das respostas aos estímulos do meio serem muito pessoais e limitadas pelos sentidos.

Neste contexto, as cavernas desempenham um papel fundamental, principalmente quanto à questão religiosa. Algumas grutas recebem visitação de inúmeros devotos, por serem consideradas milagrosas. Suas  guas ou suas lendas fazem com que a caverna tenha significados particulares para um dado grupo social.

O imaginário coletivo das cavernas ainda permite compará-las com outros ambientes freqüentados pelos homens, como as montanhas sagradas. Em diversas

culturas, a imagem das cavernas como lugares fechados e escuros provoca sentimentos topofóbicos (sentimentos negativos que um indivíduo pode desenvolver em relação a um determinado lugar), relacionados ao inferno, por exemplo. Para Kranjc e Travassos (2007), as pessoas não relacionam as cavernas somente à fé e às práticas religiosas, mas também aos hábitos de superstição exagerada. Na Eslovênia, a fé Cristã ou a superstição popular percebem (ou percebiam) abismos e cavernas<sup>2</sup> como portais do inferno, onde o diabo poderia ascender ao “*Mundo Superior*”. Eram também o local de encontro de bruxas (Figura 3)

Em trabalho apresentado no IX Simpósio Anual da Associação Brasileira de História da Religião, Kranjc e Travassos (2007) identificaram dois tipos de cavernas em território esloveno: as de tempestades ou *thunderstorm caves* (locais de onde bruxas provocariam tempestades e chuvas de granizo, danificando ou destruindo plantações) e as abençoadas ou *blessed caves* (profundos abismos considerados como os locais por onde o diabo poderia ascender ao mundo superior e por isso deviam ser abençoadas).

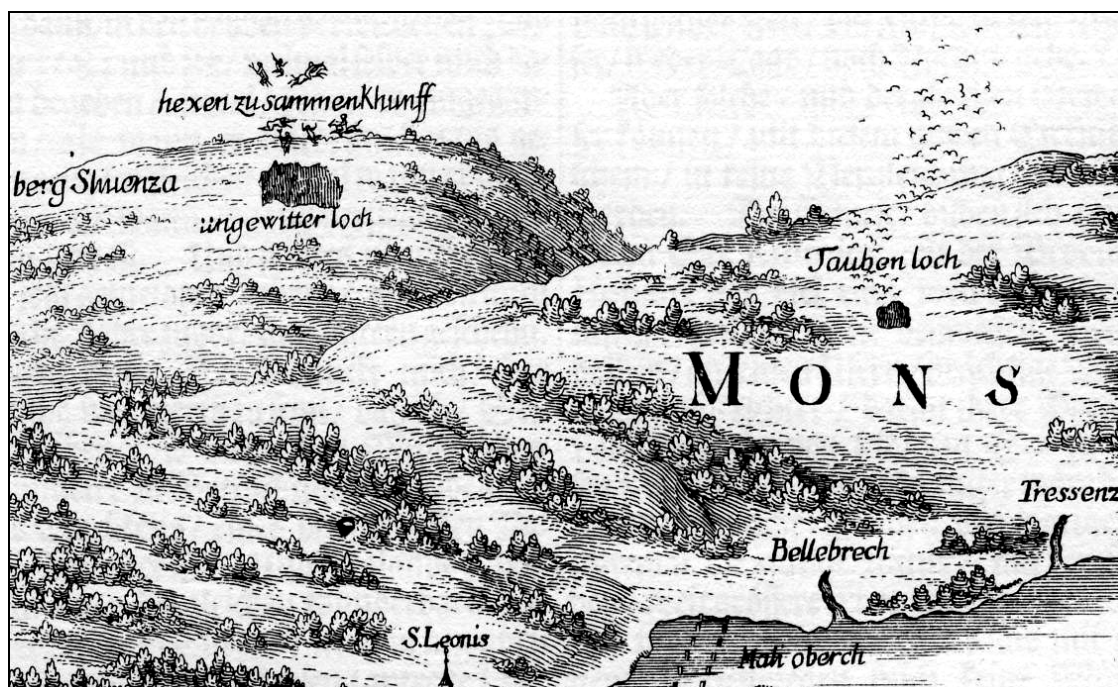


Figura 3 - A *Copniška jama* (Caverna das Bruxas) assinalada no alto e à esquerda no mapa de Valvasor da região do *Cerkljansko polje* (1689).



As estratégias desenvolvidas pelo ser humano para a compreensão do mundo servem como ferramentas mediadoras entre o vivido e o pensado. Isso ocorre porque a percepção humana do mundo é realizada através dos sentidos que, para Mariano Neto (2003), corresponde às formas, às cores, aos sons, aos odores, e aos sentidos de reflexão e reação dessa construção que se imagina ser o real.

Segundo Figueiredo (1999), apud Travassos et al. (2007), as múltiplas visões que se disseminam no imaginário coletivo em relação às cavernas por um lado, estão vinculadas a sentimentos negativos, como lugares abafados, inóspitos, sombrios. Por outro lado, há visões vinculadas a sentimentos positivos, como lugares mágicos, religiosos, milagrosos, ou de extrema beleza natural.

A associação de cavernas a lugares fechados e escuros favorece o surgimento de histórias cheias de significados e simbolismos. Para Tuan (1980), essas histórias podem ser interpretadas como o esforço do homem para resolver as contradições presentes na vida.

Todos os povos distinguem entre *preto* e *branco* ou *escuridão* e *claridade*. Em qualquer lugar essas cores carregam poderosas representações simbólicas. Tanto o preto como o branco possuem significados positivos e negativos, sendo este dependente da cultura (...). Não obstante, as associações principais do branco são positivas e as do preto são negativas. As duas cores simbolizam princípios universais opostos, contudo complementares: os pares análogos são claridade e escuridão, aparecimento e desaparecimento, vida e morte. Estas antinomias são maneiras diferentes de dizer a mesma coisa. Elas são as metades necessárias de uma realidade total: uma funde-se na outra no espaço e evolui da outra no tempo. A complementaridade do branco e do preto é acentuada nos rituais, mitos e síntese filosófica. Como é sabido na tradição ocidental, o preto representa todos os valores negativos da maldição, maldade, violação e morte, enquanto o branco significa alegria, pureza e bondade. Porém, interpretações similares são encontradas em grande número de culturas não ocidentais (TUAN, 1980, p.28)

Pode-se, portanto, compreender os sentimentos despertados no ser humano pela imagem da caverna ou de sua entrada. Mesmo que, em alguns casos seja possível perceber os sentimentos de *topofilia* em relação ao subterrâneo, percebe-se com mais frequência os sentimentos topofóbicos em relação a estes espaços.

## O ESPAÇO SAGRADO DAS CAVERNAS

As palavras *religião*, *sagrado*, *peregrino* e *cerimonial* indicam experiências humanas repletas de significados, com nítida dimensão espacial. Sendo assim, tais termos são de interesse da Geografia e um de seus ramos: a Geografia da Religião.

Pode-se dizer que os estudos acadêmicos de Geografia da Religião associada às cavernas sejam relativamente novos. Para Rosendahl (2002), o interesse pela dimensão religiosa da Geografia é bem mais antigo, originando-se na Antiguidade Clássica e, bem após, sendo seguido pelos estudos de Vidal de La Blache e, particularmente, pelos estudos da Geografia Cultural de Sauer a partir do início do século XX, até os anos de 1960.

A partir desse contexto, Isaac (1960), Sopher (1967; 1981) e Büttner (1985) apud Rosendahl (2002), dimensionaram como a força da religião é capaz de modificar a paisagem, propiciando o desenvolvimento ainda mais forte da Geografia da Religião e a valorização das relações recíprocas entre religião e ambiente.

Segundo Gilardi apud Cervantes (2007), na Itália existem cavernas onde se acredita que São Francisco de Assis passou grande parte de sua vida e realizado etapas importantes de sua missão, a exemplo do Eremo do Cárcere, em Assis.

Para Kranjc e Travassos (2007), existem muitos outros exemplos registrados em cavernas européias, que foram ou ainda são utilizadas como locais de veneração de divindades pagãs ou da fé cristã. Em uma caverna no Planalto de Kras (Eslovênia/Itália), encontra-se um altar pré-cristão de oferendas e, em outra, de acordo com as tradições populares da região, um eremita chamado *Sanctus Servulus* viveu em seu interior e fez dela uma Igreja; desde então, missas regulares são organizadas uma vez por ano no local, ou realizadas em ocasiões especiais (Figura 4 e 5)

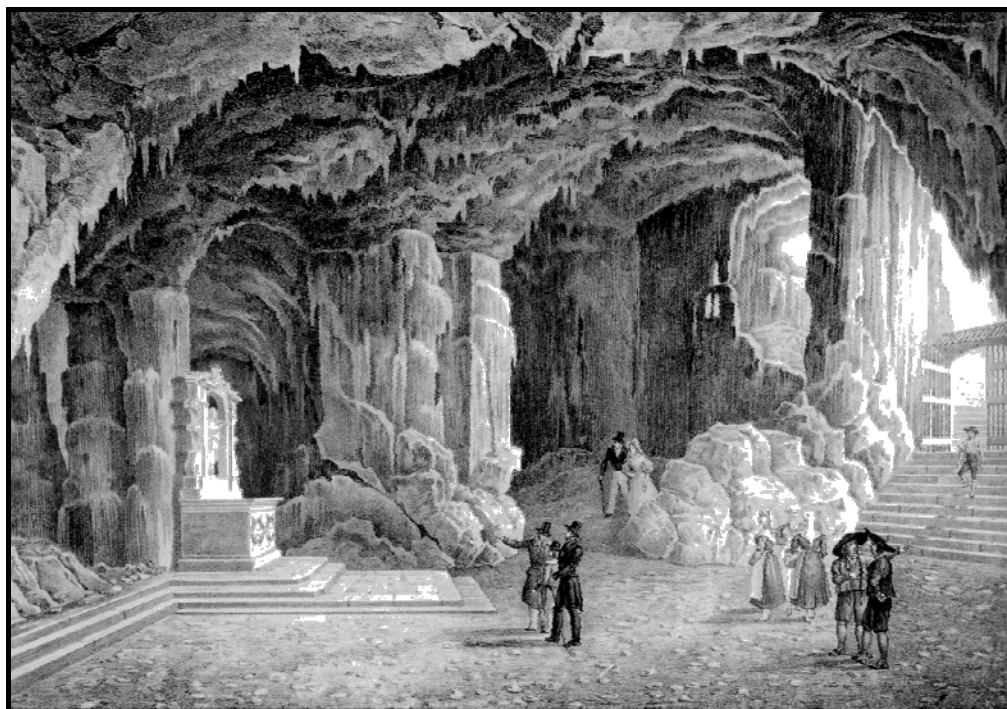


Figura 4 – Ilustração da igreja subterrânea da *Sveti jama* (Caverna Santa) no Planalto de Kras, acima da cidade de Trieste, Itália (Fonte: FARAONE; RADACICH, 1991).



Figura 5 – Entrada da *Sveti jama* à esquerda e vista do altar em seu interior à direita (Foto: Luiz E. P. Travassos, 2007)

Ainda para Kranjc e Travassos (2007) também na Eslovênia, nos Pré-Alpes Julianos, existe uma caverna com registros de cultos datados do ano de 888, ainda funcionando como uma Igreja até os dias de hoje (Figura 6). Casos registrados de pequenas capelas e oratórios usualmente dedicados a Nossa Senhora ou Santo Antônio são comuns e encontram-se normalmente organizados em abrigos sob rocha ou dolinas.

Na religião muçulmana, acredita-se que Maomé costumava de ir à Gruta de Hira, localizada no Monte Hira, ao norte de Meca, para meditação. Segundo a tradição, neste local ele teria recebido as primeiras revelações divinas através do anjo Gabriel, durante, o mês santo do Ramadan, fundando posteriormente o Islã (CERVANTES, 2007).



Figura 6 – Aspectos gerais da *Landarska jama* ou Gruta de Landar, Itália. (Foto: Luiz E.P. Travassos, 2009)

Aldenderfer (2006) descreve o uso das cavernas para o sistema religioso pré-Budista e Budista. Em ambos, as cavernas são percebidas como a morada das forças do espírito e das divindades de todos os tipos, contribuindo com seu poder para essas paisagens, e criando “lugares de energia”, cujos campos energéticos literalmente saturam seus arredores. A terra, as rochas, a água, as plantas e até mesmo o ar desses lugares estariam impregnados de energia.

Para Cervantes (2007), as grutas de Yungang, localizadas ao norte da China, apresentam cerca de 51 mil estátuas religiosas esculpidas nas rochas das 53 cavernas existentes. Na porção central da Índia, várias cavernas também funcionam como templos dedicados a Buda.

Na história da humanidade encontram-se vários lugares considerados sagrados para a humanidade: Meca, Jerusalém, Roma, e várias cavernas. Construíram-se santuários no interior de cavernas, em manifestações religiosas às aparições de Nossa Senhora de Lourdes (França), Nossa Senhora da Lapa (freguesia de Quintela, Sernancelhe em Portugal e em Vazante e Antônio Pereira, Minas Gerais, Brasil), Nossa Senhora de Fátima (Fátima, Portugal e Rio Grande do Sul, Brasil), e, em Bom Jesus da Lapa, no estado da Bahia, Brasil, o registro mais antigo de uso religioso do Brasil (GUIMARÃES; TRAVASSOS; VARELA, 2007).

As cavernas, por serem consideradas como lugares exóticos e por possuírem em seu interior um ambiente com formações muito peculiares traduzem no imaginário das pessoas crenças variadas e uma forma de comunicação com o sagrado e com o sobrenatural (GUIMARÃES; TRAVASSOS; VARELA, 2007). Esses ambientes carregados de mistérios são responsáveis por lendas e mitos na cultura dos mais variados povos.

Segundo Teixeira (2003, p.61) “tanto o mito quanto a lenda são criações dos grupos humanos para explicar algo, justificar algum fato que, na ausência do conhecimento científico, apresenta outra maneira aceitável de ser compreendido”. O

mito é um sistema dinâmico de símbolos, ou seja, imagens com conteúdos simbólicos que surge para estabelecer relações e responder aos porquês. Possui um personagem constante, o que não ocorre com a lenda. A Gruta do Lapão, localizada no município de Santa Luzia, estado da Bahia, Brasil, possui exemplos de lendas relacionadas ao catolicismo e aos rituais de matriz africana, como os exemplos identificados por Guimarães, Travassos e Varela (2007).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Este breve trabalho destacou a relação humana com as cavernas desde os tempos pré-históricos até os dias atuais. Maior ênfase foi dada ao uso religioso das cavernas e sua espacialização no cenário nacional. A partir da revisão de literatura sobre o uso católico das cavernas, constatou-se o pioneirismo de Bom Jesus da Lapa, Bahia. Acredita-se ser possível que a disseminação do uso das “*cavernas santuário*” tenha sido feita por romeiros dos Estados limítrofes.

Através da literatura disponível e da participação em romarias, observou-se que elas estão diretamente relacionadas a movimentos sazonais de pessoas que fomentam o comércio local, gerando emprego e fluxo de capitais mesmo que em um curto intervalo de tempo.

Mesmo que algumas destas cavernas não estejam em Áreas de Proteção Ambiental (APAs) ou em Áreas de Preservação Permanente (APPs), a revisão bibliográfica aponta para a necessidade da elaboração de planos de manejo que consigam conciliar a importância desse tipo de uso com a proteção do ambiente. A tendência da legislação nacional é a de imposição de inúmeras restrições que, por vezes, não são compreendidas pelos romeiros que as percebem como a proibição dos cultos. Para Travassos e Varela (2009) a tarefa de conciliar o uso religioso e a preservação ambiental é tarefa difícil.

Se partirmos do princípio que o meio ambiente é um bem constitucionalmente protegido (art. 225 CF/88) essas manifestações religiosas são vistas como algo que deve ser reprimido. É justamente aí, que o pesquisador deve ter uma compreensão mais aberta da realidade social, ou do que os intérpretes do Direito chamam de domínio normativo. Se de um lado há a proteção ambiental, de outro há a proteção da liberdade de crença que assegura o livre exercício dos cultos religiosos e garante, na forma da lei, a proteção desses locais e suas liturgias (art. 5º,VI da CF/88). Temos, assim, a proteção de dois bens que na teoria não se conflitam, mas que na prática podem entrar em choque. A proteção ora do meio ambiente ora da liberdade de crença depende da situação fática. Para os intérpretes do Direito Constitucional, nos casos de conflitos de bens protegidos constitucionalmente deve-se levar em consideração o princípio da concordância prática ou da harmonização. De acordo com Canotilho (2003), tal princípio impõe a coordenação e combinação dos bens jurídicos em conflito de forma a evitar o sacrifício total de uns em relação aos outros (TRAVASSOS; VARELA, 2009, p.262).

Em relação à utilização de cavernas em rituais afro-brasileiros, foi possível detectar que na Gruta da Macumba e do Feitiço há registros históricos de realização de algum tipo de ritual religioso relacionados aos cultos de matriz africana, mais especificamente a Umbanda. A comprovação foi feita através da análise dos materiais e os símbolos religiosos (Figura 7) encontrados no interior das cavernas. A linha divisória entre os indícios das manifestações não é excepcionalmente clara. Tal fato ocorre devido às transformações sofridas no tempo e espaço de tais lugares, principalmente pelo sincretismo existente entre as práticas. Ressalta-se que o estudo refere-se apenas a Gruta da Macumba e a Gruta do Feitiço, sendo possível a existência de outras cavidades em que tais rituais ocorram ou tenham ocorrido. (GUIMARÃES; TRAVASSOS; VARELA, 2007).

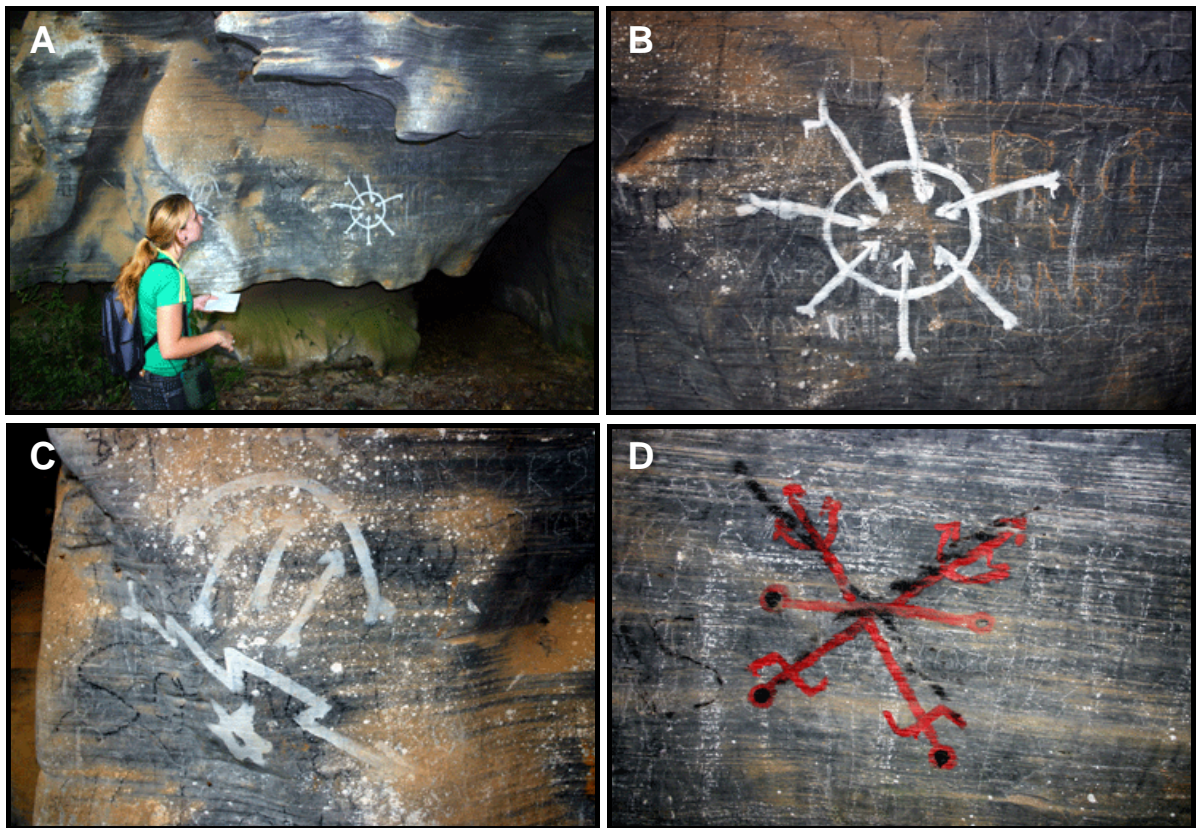


Figura 7 – “Pontos riscados” na parte externa à Gruta do Feitiço. Em A e B as Sete Lanças do Giramundo de Caboclo; em C Ponto para lansã ou Santa bárbara. Ponto de Pombagira retratado em D (Foto: Luiz E. P. Travassos, 2007).

Entretanto, com a criação da APA Carste de Lagoa Santa (Decreto Federal de Nº 98.881/90), os rituais deixaram de acontecer devido à proteção do patrimônio natural regional. Para Travassos e Varela (2009), deve ser buscada a coordenação e combinação dos bens em conflito questão (preservação do patrimônio espeleológico e liberdade de culto) a fim de se evitar o sacrifício total de uns em relação aos outros.

No caso específico da proteção ambiental e da liberdade de crença, a sobreposição de um bem em relação ao outro deve ser analisada caso a caso. Em determinado espaço onde são realizadas tradicionalmente manifestações religiosas, acredita-se que não deve prevalecer a proteção ambiental, pois aquele lugar adquiriu um valor social. Entretanto, deve haver um mínimo de proteção que não inviabilize a prática da fé. Já em espaços onde não exista a comprovação de prática tradicional histórica de manifestação religiosa, a proteção ambiental deve prevalecer. Caso o intérprete da lei não compreenda os processos históricos e sociais que o



cercam, isso pode levá-lo a decidir de forma precipitada e equivocada pela prevalência absoluta de apenas um desses bens (TRAVASSOS; VARELA, 2009, p.262).

Pelo exposto, busca-se chamar a atenção para a importância social das cavernas no sentido de contribuir para a inserção da temática do uso religioso das cavernas nos sistemas católicos e afro-brasileiros no Brasil. Entretanto, ressalta-se que não se pretendeu esgotar o tema em tão pouco tempo e sim, inserir a temática nos trabalhos acadêmicos atuais.

## REFERÊNCIAS

ALDENDERFER, M. Cavernas como Lugares Sagrados no Planalto Tibetano. Tradução de Luiz Eduardo Panisset Travassos. **Informativo SBE**, v.1, n.92, p. 38-41, 2006.

AMORIM FILHO, O. B. A evolução do pensamento geográfico e suas conseqüências sobre o ensino da geografia. **Revista Geografia e Ensino**, Belo Horizonte, Ano 1, n.1, p.5-18, mar. 1982.

BARBOSA, E. P.; TRAVASSOS, L.E.P. Caves, stories, history and popular traditions in the semi-desert (Sertão) of Bahia, northeastern Brazil. **Acta Carsologica**, Ljubljana, v.37, n.2, p. 331-338, 2008.

CERVANTES, C. A. E. **La función social de las grutas**. México, 2007 (inédito)

CLAVAL, P. **A geografia cultural**. Florianópolis: Ed. UFSC, 2001.

FARAONE, E.; RADACICH, M. Nota bibliografica sulla Grotta di San Servolo. **Atti e memorie della Commissione Grotte "E.Boegan"**, 29 (1990), 35-70, Trieste, 1991.

GUIMARÃES, R.L.; TRAVASSOS, L.E.P.; VARELA, I.D. **Cavernas e religião: os rituais afro-brasileiros na Gruta da Macumba e na Gruta do Feitiço**, Lagoa Santa, Minas Gerais, Brasil, 2007. 22p (Inédito).

KRANJC, A.; TRAVASSOS, L.E.P. Cavernas de fé e superstição: exemplos da Eslovênia. In: IX SIMPÓSIO ANUAL DA ABHR: Religiões e Religiosidade, 2007, Viçosa. **Caderno de Resumos**. Viçosa: UFV, 2007.

MARIANO NETO, B. Topofilia, ecologia e imaginário: os velhos cariris da Paraíba **Par'a'iwa – Revista de Pós-Graduandos de Sociologia da UEPB**, João Pessoa, n.4, set. 2003.

ROSENDAHL, Z. Geografia da religião: uma proposição temática. **GEOUSP**. São Paulo, n.11, p.9-19, 2002

STEIL, C. A. Romeiros e turistas no santuário de Bom Jesus da Lapa. **Horizontes Antropológicos**, Porto Alegre, v.9, n.20, 2003.

STEIL, C. A. Peregrinações no sertão: viajantes, enfermos e aventureiros cruzam campos, desertos e sertões em clima de religiosidade, festa e penitência. **Ciência Hoje**, Rio de Janeiro, vol. 24, n° 142, p. 32-39, set. 1998.

STEIL, C. A. **O sertão das romarias**: um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa-Bahia. Petrópolis: Vozes, 1996.

TEIXEIRA, G. M. (Org). **O imaginário das grutas**. Ilhéus: UESC/CEDOC, 2003.

TUAN, Y. **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1983.

TUAN, Y. **Topofilia**: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente. Trad. de Livia de Oliveira. São Paulo: Difel, 1980.

TRAVASSOS, L.E.P. O carste como pano de fundo nas obras de ficção: dualidade de percepções. **O carste**, Belo Horizonte, v.13, n.4, 2007.

TRAVASSOS, L.E.P. ; VARELA, I.D. . O uso religioso de uma caverna marinha: o caso da Gruta de Nossa Senhora de Lourdes em Saquarema, RJ. In: XXX Congresso Brasileiro de Espeleologia, 2009, Montes Claros. **Anais 30 CBE**. Campinas: SBE, 2009. p. 259-265.

TRAVASSOS, L.E.P. ; VARELA, I.D. ; RODRIGUES, E.R. ; GUIMARÃES, R.L. A festa religiosa de Nossa Senhora da Lapa, Antônio Pereira, Minas Gerais. In: XXIX Congresso Brasileiro de Espeleologia, 2007, Ouro Preto. **Anais do XXIX Congresso Brasileiro de Espeleologia**. Campinas/Ouro Preto: SBE/UFOP, 2007.

VALVASOR, J.W. **Die Ehre des Hertzogthums Crain**. Laybach/Nuremberg, 1689. 696p.

---

## Notas

<sup>1</sup> O presente trabalho é derivado de um Trabalho de Conclusão de Curso denominado "A utilização das cavernas como lugares de devoção e práticas ritualísticas: estudo comparativo entre espaços católicos e afro-brasileiros em Minas Gerais, Brasil.

<sup>2</sup> Abismos e cavernas são considerados cavidades naturais subterrâneas. A diferença está em seu desenvolvimento que pode ser vertical (abismo) ou horizontal (caverna). No caso da percepção

destes espaços pelo imaginário coletivo, tanto os abismos quanto as cavernas poderiam ser os supostos pontos de encontro das bruxas

---

## RESUMO

O presente trabalho tem por objetivo aplicar conceitos geográficos consolidados ao estudo de cavernas de uso religioso, analisando alguns dos aspectos básicos desse tipo de manifestação cultural no carste. O trabalho busca, ainda, demonstrar a importância desses locais e a necessidade de conservação destes sítios.

**Palavras-chave:** Percepção Ambiental. Cavernas. Carste. Espaço. Lugar. Geografia Cultural.

## ABSTRACT

This study aims to apply consolidated geographical concepts in the study of religious use of caves, analyzing some of the basic aspects of this kind of cultural manifestation in karst. The article also seeks to demonstrate the importance of these sites and the necessity of conservation of these places.

**Key words:** Environmental Perception. Caves. Karst. Space. Place. Cultural Geography.

---

## Informações sobre os autores:

[1] Luiz Eduardo Panisset Travassos – <http://lattes.cnpq.br/9118322656718483>  
Geógrafo, Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Geografia - Tratamento da Informação Espacial da PUC Minas e em Carstologia pela Universidade de Nova Gorica, Eslovênia. Coordenador da Seção de História da Espeleologia da Sociedade Brasileira de Espeleologia.

Contato: [luizpanisset@uol.com.br](mailto:luizpanisset@uol.com.br)

[2] Rose Lane Guimarães – <http://lattes.cnpq.br/2720518674287418>  
Bacharel em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Bolsista FAPEMIG, Pesquisadora da PUC Minas, Projeto Quadrilátero Ferrífero.

Contato: [roselanegeo@gmail.com](mailto:roselanegeo@gmail.com)

[3] Wagner Barbosa Batella – <http://lattes.cnpq.br/7454170339374328>  
Geógrafo, Mestre em Geografia - Tratamento da Informação Espacial pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas). Doutorando em Geografia pela UNESP – Campus Presidente Prudente.

[4] Marina de Moraes - <http://lattes.cnpq.br/3848163055740550>  
Bacharel em Geografia pela Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC-Minas).